

# A narrativa jornalística e a construção do real

Como as revistas *Veja* e *IstoÉ* trataram a manifestação dos estudantes da Universidade de São Paulo em 2011

Bruno Bernardo de Araújo\*

## Índice

|   |    |
|---|----|
| CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS . . . . .   | 3  |
| 1 NARRATIVA E JORNALISMO: as influências do modo narrativo na concepção do discurso jornalístico . . . . .          | 4  |
| 2 TEORIAS DO <i>NEWSMAKING</i> : um novo olhar sobre a produção jornalística . . . . .                              | 7  |
| 3 DOS ESTUDOS NARRATIVOS AO JORNALISMO: o narrador-jornalista e a personagem jornalística . . . . .                 | 10 |
| 4 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA . . . . .                      | 13 |
| 5 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MANIFESTAÇÃO DOS ESTUDANTES DA USP NAS PÁGINAS DE <i>Veja</i> E <i>IstoÉ</i> . . . . . | 14 |
| 5.1 Reportagem 1: “A rebelião dos mimados” (em anexo) . . . . .   | 14 |
| 5.2 Reportagem 2: “Quem são os radicais da USP” (em anexo) . . . . .  | 16 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS . . . . .  | 19 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . . . . .  | 20 |
| ANEXOS . . . . .  | 23 |

---

\*Universidade de Coimbra – Portugal, Licenciado em Jornalismo e mestrando em Comunicação e Jornalismo. [brrunoaraujo@gmail.com](mailto:brrunoaraujo@gmail.com).

### Resumo

É indiscutível o poder social do jornalismo. Cresce, exponencialmente, o número de informações que recebemos, vindas das mais variadas origens, sob inúmeros suportes. Nessa medida, será preciso desmistificar algumas questões, que rondam o universo mediático, entre as quais, a ideia de que o jornalismo representa ou espelha a realidade. Na verdade, como construtores de narrativas, os jornalistas operam um conjunto de códigos de estruturação textual que, aliados àquilo que eles conhecem do mundo, dão sentido (s) aos acontecimentos. Diante disso, os pressupostos dos estudos narrativos aparecem aqui como indiscutíveis fontes de reflexão. Na tentativa de comprovar, empiricamente, tudo o que ficou dito, faz-se a análise de duas reportagens das revistas *Veja* e *IstoÉ*, que se debruçaram sobre uma manifestação de estudantes da Universidade de São Paulo, construindo narrativas, que oscilam entre universos semânticos distintos. Como método de análise, recorre-se às técnicas da Análise Crítica do Discurso, com particular atenção aos ensinamentos de Teun van Dijk.

**Palavras-chave:** narrativa; jornalismo; *newsmaking*; construção da realidade; *Veja*; *IstoÉ*; Universidade de São Paulo.

### Abstract

It is indisputable the social power of journalism. Grows exponentially, the number of reports we received, coming from various sources, in many media. As such, it is necessary to demystify some issues that plague the media sphere, including the idea that journalism represents or reflects reality. In fact, as builders of narratives, journalists operate a code set of textual structure, which combined what they know of the world, make sense (s) to events. The assumptions of narrative studies appear here as undeniable sources of reflection. In an attempt to prove, empirically, all the foregoing, we make an analysis of two news magazines *Veja* and *IstoÉ*, which have focused on a manifestation by students from the *University of Sao Paulo*, constructing narratives, ranging from different semantic universes. The analysis method, we resort to the techniques of Critical Discourse Analysis, with particular attention to the teachings of Teun van Dijk.

**Keywords:** narrative; journalism; *newsmaking*; construction of reality; *Veja*; *IstoÉ*, University of São Paulo.

## CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

O universo dos meios de comunicação social foi se constituindo, ao longo dos tempos, como um espaço privilegiado de discussão da atualidade, ao qual recorreremos, sistematicamente, para obter informações, acerca do que se passa à nossa volta. Da mesma forma, o campo jornalístico, propriamente dito, se estruturou em torno de um conjunto de ideias, por vezes, míticas, relacionadas com o poder social do jornalismo, visto como contra-poder, cão-de-guarda ou, pomposamente, como guardião dos sistemas democráticos.

Tendo por base essas e outras concepções – que formam aquilo a que Traquina (2007) chama a cultura profissional – o jornalismo e a sua produção foram vistos, por muito tempo, como verdadeiros espelhos ou representantes fiéis dos acontecimentos. A partir dos anos 70 do século passado, com a chegada das teorias do *newsmaking*, passamos a entender a *práxis* jornalística, contrariamente, como uma construtora social da realidade – noção que levou diversos autores a falarem de notícias, reportagens e outros produtos informativos, como narrativas.

Partido desse pressuposto, um dos objetivos do presente artigo é evidenciar a existência de formas distintas de narrar a realidade, que mudam, consoante a forma como o jornalista interpreta e estrutura, discursivamente, os acontecimentos. Nesse sentido, convocaremos alguns conceitos dos estudos narrativos – entre eles, o próprio conceito de narrativa – para falar de narrativas jornalísticas, como produções especiais, pois vincadas na realidade factual, mas, que mantêm uma intensa conexão epistemológica com outros tipos de narrativa.

Assim, como forma de demonstrar, empiricamente, todo o sentido deste *background* teórico, acerca da construção do real, por meio da prática jornalística, desenvolveremos a análise de duas reportagens, publicadas nas revistas brasileiras *Veja* e *IstoÉ*, sobre uma manifestação de estudantes da Universidade de São Paulo, em outubro de 2011. Através das técnicas da Análise Crítica do Discurso, demonstraremos como uma mesma realidade poderá ter sentidos (tão) diferentes, em função da construção narrativa e da adoção de determinadas estratégias discursivas.

O artigo estrutura-se, portanto, numa vertente teórico-prática, sob os seguintes pontos: Narrativa e jornalismo: as influências do modo nar-

rativo na concepção do discurso jornalístico; teorias do *newsmaking*: um novo olhar sobre a produção jornalística; dos estudos narrativos ao jornalismo: o narrador-jornalista e a personagem jornalística; desenvolvimento da análise.

## **1 NARRATIVA E JORNALISMO: as influências do modo narrativo na concepção do discurso jornalístico**

Durante muitos anos, a narratologia esteve circunscrita, unicamente, ao universo da literatura. Era natural que académicos dos mais diversos centros intelectuais do mundo dedicassem as suas investigações ao estudo de um dos três grandes modos literários. O romance, notável género da modernidade, foi encarado como exemplo emblemático, daquilo que se entendia por narrativa ou linguagem narrativa plena.

No entanto, na segunda metade do século XX, os estudos de homens como Roland Barthes, Claude Bremond, Gérard Genette, A. J. Greimas e muitos outros – que utilizaram as páginas da revista *Communications*, como grande espaço de debate - iniciaram uma mudança radical nos pressupostos conceptuais da narrativa, contribuindo para a transformação da narratologia, numa área de estudos interdisciplinar, transdisciplinar e, por vezes, contradisciplinar.

Com isso, a narrativa deixa de estar associada apenas à linguagem verbal escrita, para ser encarada como um fenómeno universal, amplamente vasto, susceptível de apresentar-se sob diferentes suportes e em tempos diversos. Nesse sentido, o conceito foi de tal maneira alargado, que tem se tornado, cada vez mais, objeto de estudo de inúmeras áreas, dentro e fora das ciências sociais e humanas. Como forma de demonstrar a transversalidade e a complexidade da narrativa, diz-nos Barthes, num dos textos seminais, desta nova fase dos estudos narrativos:

(...) le récit est présent dans tous les temps, dans tous les lieux, dans toutes les sociétés; le récit commence avec l'histoire même de l'humanité; il n'y a pas, il n'y a jamais eu nulle part aucun peuple sans récit; toutes les classes, tous les groupes humains ont leurs récits (...) le récit se

moque de la bonne et de la mauvaise littérature: international, transhistorique, transculturel, le récit est là, comme la vie (BARTHES, 1977:8-9)

Dessa forma, partindo dos ensinamentos de Barthes, faz todo o sentido analisar como a narratologia moderna poderá auxiliar o estudo sobre a produção jornalística. Uma aproximação entre linguagem narrativa e discurso jornalístico só poderá gerar bons resultados, uma vez que, – podemos admitir –, o trabalho dos jornalistas gira em torno da produção de narrativas, tendo a realidade factual como grande referente.

Para que possamos entender a notícia, a reportagem e outras produções jornalísticas, como construções narrativas, precisamos recorrer ao próprio conceito de narrativa, problematizado por alguns dos nomes mais contundentes dos estudos narrativos. Segundo Gérard Genette “a narrativa é a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem e, mais particularmente, da linguagem escrita” (GENETTE *apud* SILVA, 2007:50). Todorov, por sua vez, acredita que “a narrativa é um texto referencial com temporalidade representada” (TODOROV *apud* SILVA, 2007:50)

Ambos os autores elucidam aspectos cruciais para a concepção de qualquer narrativa, incluindo as jornalísticas. Se os aplicarmos ao gênero reportagem, por exemplo, encontraremos evidentes semelhanças. Em primeiro lugar, a própria etimologia da palavra – *reportare*, quer dizer: transportar – indica um movimento de transporte de uma determinada realidade para o público, o que faz da reportagem um texto referencial, nas palavras de Todorov. Da mesma forma, organiza um conjunto de ações sucessivas e as insere numa linha temporal específica. Naturalmente, convém dizer, nem as ações, nem o fator tempo de uma produção jornalística, assumem a mesma complexidade que teriam em um romance ou em outra grande narrativa.

Ainda nesta linha, Seymour Chartman oferece-nos um outro conceito de narrativa que, da mesma forma, pode ser aplicado às produções de índole jornalística. De acordo com ele, “una narración es un conjunto porque está constituido de elementos – sucesos y existentes – que son individuales y distintos, pero la narración es un compuesto secuencial. Además, los sucesos, en la narración (al contrario de la compilación fortuita), tienden a estar relacionados o ser causa unos de otros” (CHARTMAN, 1990:21).

Com efeito, o discurso jornalístico opera um conjunto de mecanismos, entre os quais está: a organização sequencial das ações. Embora esta organização não siga uma lógica cronológica – estando, pois, no caso da notícia, condicionada pelo *lead* e pela pirâmide invertida, – assume um papel proeminente na estruturação discursiva, uma vez que, visa dar sentido textual a um acontecimento. A sucessividade das ações nos textos jornalísticos, não sendo uma compilação fortuita, como diz Chartman, faz parte de um universo muito maior de produção de sentido, no qual, o jornalista é o protagonista.

Também encarando as produções jornalísticas como narrativas, Fernando Resende chama a atenção para algumas particularidades da narrativa jornalística em relação a outros tipos de narrativa:

“Nas narrativas jornalísticas, o ato de narrar é uma problemática a ser enfrentada. Nelas, a forma autoritária de narrar as histórias mantém-se, e, de certa forma, com muitos agravantes por apresentar-se velada. Envoltos no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como operadores, o discurso jornalístico tradicional – aquele que é epistemologicamente reconhecido – dispõe de escassos recursos com os quais narrar os factos do quotidiano” (RESENDE, 2006:8).

Por outro lado, como todas as narrativas, as produções jornalísticas e, de um modo geral, as narrativas mediáticas, podem ser vistas como verdadeiros produtos culturais, pois retêm ecos da realidade onde foram construídas. Relativamente às notícias, Michael Schudson destaca: “as notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos, qual a extensão de considerações que devemos tomar seriamente em consideração” (SCHUDSON *apud* TRAQUINA, 1999). Ora, o fator crucial do pensamento de Schudson reside no facto de as notícias e, de forma alargada, a reportagem e outras narrativas jornalísticas, carregarem resquícios da estrutura do próprio tecido social. Contudo, mais importante ainda, é olhar para essas narrativas como formas de (re) construção desse mesmo tecido social.

Por tudo isso, tornam-se evidentes as contribuições dos estudos narrativos para a compreensão das narrativas jornalísticas, enquanto nar-

rativas especiais. Dizemos isso, porque, embora todas as narrativas tenham efeitos sobre o público, as jornalísticas possuem uma responsabilidade com o real, que deve ser respeitada, sob pena de poderem causar graves alterações no espaço público. Nessa medida, considera-se que as narrativas mediáticas apresentam visões construídas dos acontecimentos, formatando imagens, que funcionam como óculos, a partir dos quais, lemos os fenómenos sociais do nosso quotidiano.

Mesmo assim, o discurso jornalístico, entendido aqui como narrativa, foi, ao longo de muitas décadas visto, como um representante ou, metaforicamente, como um espelho da realidade. Somente a partir dos anos 70 do século passado, com a emergência das teorias do *newsmaking*, tomamos consciência do carácter construtivista das produções jornalísticas, consciência que os estudos narrativos, como ficou claro, poderão ter ajudado a desenvolver.

## **2 TEORIAS DO NEWSMAKING: um novo olhar sobre a produção jornalística**

As investigações sobre o jornalismo têm trazido ao espaço público uma série de reflexões importantes para a compreensão da própria profissão. Um dos pontos mais polémicos, sobretudo para os profissionais, prende-se com a ideia de que o jornalismo não é um espelho, a partir do qual, vemos, nitidamente, e sem distorções, o que se passa à nossa volta. Contrariamente, é um construtor da realidade, limitado a um sem número de condicionalismos, próprios das chamadas rotinas de produção. Esta visão surge associada ao desenvolvimento das teorias do *newsmaking* que, por sua vez, fazem parte do paradigma construtivista do jornalismo, representando um ponto de viragem nos estudos sobre a prática jornalística.

As ideias defendidas pelo *newsmaking* visam combater pressupostos da teoria do espelho, uma das primeiras teorias do jornalismo, segundo a qual, os jornalistas são agentes descomprometidos, cuja intenção principal é a transmissão da realidade, sem interferências no curso normal dos acontecimentos. O combate a esta visão causou, e ainda hoje causa, grandes discussões, nas alas mais conservadoras da profissão. Como elucida a este propósito Traquina:

O *ethos* dominante, os valores e as normas identificadas com um papel de árbitro, os procedimentos identificados com o profissionalismo, faz com que dificilmente os membros da comunidade jornalística aceitem qualquer ataque à teoria do espelho, porque a legitimidade e a credibilidade dos jornalistas estão assentes na crença social de que as notícias refletem a realidade (TRAQUINA, 2004:149).

A legitimidade e a credibilidade, de que fala Traquina, são valores profissionais construídos ao longo do difícil processo de profissionalização do jornalismo, com raízes na fase de industrialização da imprensa, no século XIX. A criação e a propagação de uma visão apática e descomprometida do profissional fazia parte de uma estratégia económica, que visava alargar os públicos, atrair mais publicidade para os jornais e, assim, fazer da imprensa, um negócio lucrativo. Por isso, seria importante defender a teoria do espelho, como forma de abafar a imagem de imprensa panfletária, que transformava os periódicos em verdadeiras máquinas políticas.

Como já percebemos, o paradigma construtivista veio, anos depois, opor-se aos pensamentos da teoria do espelho. Para tal, um dos argumentos mais utilizados é a impossibilidade de uma linguagem neutra. Ao dar vida textual a um acontecimento, o jornalista incorpora, mesmo involuntariamente, marcas da sua subjetividade, através de um processo de mediação, que pressupõe a existência de uma construção discursiva. Do mesmo modo, o discurso jornalístico resulta da forma como está organizada a estrutura profissional, que permite, como diz Traquina (2007), fazer face à imprevisibilidade dos acontecimentos.

Até aqui, referimos várias vezes a ideia central de construção narrativa da realidade. Por outro lado, alguns autores falam, no âmbito das teorias do *newsmaking*, da criação de estórias pelos jornalistas. Todavia, é preciso estar atento a possíveis associações erróneas destes termos a uma ficcionalização do real. Encarar as notícias e as reportagens como construções não é o mesmo que pensá-las, por exemplo, na perspectiva da criação literária, na qual, o autor é livre para percorrer os universos possíveis e impossíveis da imaginação. Por isso, o jornalista contador de estórias – metáfora comum entre os autores do paradigma construtivista – não é um ficcionista, mas, um indivíduo, que assume



uma postura distinta da do jornalista espelho, defendida por paradigmas anteriores, como já tivemos a oportunidade de referir.

Esta reflexão está bem presente no pensamento de Bird e Dardenne, segundo os quais, “considerar as notícias [e não só] como narrativas não nega o valor de as considerar como correspondentes da realidade exterior” (BIRD E DARDENNE, 1999:163). A socióloga norte-americana Gaye Tuchman – um dos ícones do *newsmaking* –, vai mais longe e acrescenta: “dizer que uma notícia é uma estória não é, de modo algum, rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o facto de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna (TUCHMAN, 1999:262).

Todas as questões que mencionamos, acerca do *newsmaking*, são suficientes para fazermos uma inevitável reflexão sobre o poder social dos *media*, tendo em conta a sua enorme influência no espaço público. Para além de definir os temas da agenda pública, através do que se convencionou chamar de agenda mediática, eles “interferem no *status quo* e recriam modos de vida, porque leem e provocam releituras de experiências subjetivas e objetivas e, vale dizer, de forma às vezes tão imperativa, que se tornam o lugar de onde as pessoas retiram o que sabem e o que se dispõem a compreender acerca do quotidiano e da vida” (RESENDE, 2006:2).

Através das suas narrativas, os *media* criam significações e têm um peso inquestionável nas transformações sociais. Este ponto de vista pode ser, historicamente comprovado, todas as vezes que o jornalismo se colocou como um verdadeiro *contrapoder*, como no caso emblemático do *Watergate*, nos Estados Unidos ou, mais recentemente, com as constantes denúncias de corrupção, pelos *media* brasileiros, que levaram à demissão de seis ministros de Estado, no Brasil. Não obstante os interesses ideológicos que, porventura, tenham existido por detrás de casos como esses, é forçoso admitir que houve, obviamente, alterações na estrutura sociopolítica, tanto da sociedade americana como brasileira, influenciadas pelo poder social da imprensa.

Nesse sentido, aceitando a ideia de que as produções jornalísticas são construções do real, Tuchman admite: “os jornalistas trabalham para apreender e atribuir significado quando identificam certos tópicos, e não outros, como notícias. Através deste trabalho (...) os atores

sociais criam significações e, ao mesmo tempo, um sentido coletivo partilhado da ordem social” (TUCHMAN, 2002: 95). Claramente, o conceito de ordem social, elucidado pela autora, está intimamente ligado à forma como organizamos a nossa vida quotidiana em sociedade. As significações que atribuímos aos fenómenos sociais dependem dos significados facultados pelos *media*, aos quais temos acesso, por meio de narrativas ou, se quisermos, de *estórias* diversas.

Se, depois de toda a nossa reflexão, consideramos o discurso jornalístico como narrativas ou *estórias*, centradas na realidade, estamos em condições de admitir, ao lado de alguns autores, a existência de categorias específicas da narrativa no universo do jornalismo. Falamos, pois, da existência de uma personagem jornalística e de um narrador jornalista. A partir da problematização dessas questões poderemos ampliar, ainda mais, a nossa compreensão da prática jornalística, como responsável pela construção social da realidade. E, mais uma vez, reafirmar os inexoráveis contributos dos estudos narrativos, como área interdisciplinar, para o estudo dos diversos fenómenos mediáticos.

### **3 DOS ESTUDOS NARRATIVOS AO JORNALISMO: o narrador-jornalista e a personagem jornalística**

Desde que o jornalismo passou a ser visto como um produtor de narrativas ou de *estórias*, – embora, na maioria das vezes, essas produções assumam um carácter autoritário e burocratizante, em função das fundamentações epistemológicas da profissão, como defende Resende (2006) – algumas questões, bem interessantes, foram sendo colocadas, no sentido de complexificar a sua relação com teorias específicas. Para o nosso trabalho, importa fazer alusão aos estudos desenvolvidos em torno da concepção de uma personagem jornalística, bem como, de um narrador jornalista.

Primeiramente, a figura do narrador é central para o estudo de qualquer narrativa. No jornalismo, – prática marcada pelo rígido cumprimento de modelos textuais e regras de conduta, com vista à preservação de uma postura imparcial, de quem narra em relação ao que narra –, falar da existência de um narrador poderá ser de enorme importância

para amenizar alguns pontos mais nebulosos da profissão, designadamente, as questões que se prendem com a busca incessante da verdade.

Parafraseando Fernando Resende (2006), num trabalho sobre jornalismo e enunciação, o mito da objetividade faz com que o trabalho jornalístico dê proeminência aos factos e caminhe, continuamente, para um apagamento da figura do profissional. O jornalista é, muitas vezes, visto como um mero mediador, que conta, sem, necessariamente, narrar. Isso significa que a crença na existência de um narrador-jornalista é essencial para olharmos a *práxis* jornalística, como resultado do olhar de um indivíduo sobre determinado acontecimento.

Vale dizer, na sequência do pensamento do autor, que o olhar do jornalista (autor empírico, sujeito da enunciação e responsável pela criação do narrador) estará sempre condicionado por determinados mapas de sentido, formados tanto pelo seu *background* cultural, como por um conjunto de outras questões socioprofissionais, que poderão limitar esse mesmo olhar – ou, em outras palavras, a sua interpretação. Desse modo, a aplicação do conceito de narrador, enquanto sujeito do enunciado, – isto é, gestor textual das ações, tempos, espaços e personagens –, ao jornalismo, pode livrar-nos do perigo da *estória única* e alertar-nos, ao mesmo tempo, para a existência de várias verdades em uma mesma realidade.

É ainda interessante notar que, o narrador-jornalista muda o seu foco de narração, de acordo com o género textual que produz. Diante da escrita quotidiana e fragmentária de notícias, na maioria das vezes, – admite-se exceções –, o narrador opta pela focalização externa e, geralmente, conta as histórias em *telling*, assumindo uma postura de mero enunciador. Ao contrário, no caso das reportagens – textos, obrigatoriamente mais densos e trabalhados –, o narrador-jornalista compartilha impressões e opta, várias vezes, pela focalização interna e pela narração em *showing*, como forma de dar voz às personagens, facto visível, sobretudo, quando recorre ao discurso direto.

Além das teorizações sobre o narrador, os estudos de outras categorias narrativas, como a personagem, também poderão ser, beneficamente, aplicados ao jornalismo. Recorrendo ao pensamento de Phillippe Hamon – que traça um estatuto semiológico para a personagem, tratando-a, assim, como um signo –, poderemos analisar a existência e o carácter conceptual das ditas personagens jornalísticas. Para o autor,

a personagem tem um cariz funcionalista e, por isso, participa, ativamente, no processo de comunicação inerente a todas as narrativas. (HAMON, 1977: 177)

Partindo desse princípio, podemos aferir que o processo de criação de personagens jornalísticas – processo, através do qual, os vários atores sociais ganham vida textual – é de inegável pertinência, na medida em que, os muitos eixos semânticos, associados à sua construção, poderão criar imagens, favoráveis ou disfóricas, desses mesmos atores, limitando a percepção do público a pontos de vista truncados e únicos. Um exemplo notável é a forma como, frequentemente, a imprensa constrói a imagem do político – recorrendo, sempre, aos escândalos e à hipermediatização da vida pessoal – ou a imagem dos imigrantes, associando-os a indivíduos marginalizados e socialmente desfavorecidos<sup>1</sup>.

Um dos géneros jornalísticos, no qual, a ideia de personagem está mais vincada é o perfil. Porém, como já percebemos, os atores sociais, representados nas notícias e reportagens, também fazem parte dessa tipologia. Assim, ao falar de personagem jornalística, Mesquita demarca um ponto essencial, que se prende com o compromisso da profissão com a realidade. Segundo o autor:

“Se a questão da exatidão é irrelevante do ponto de vista do criador literário, se é possível postular, em nome das virtualidades da experiência estética, uma espécie de irresponsabilidade criativa do escritor, o mesmo não se dirá do jornalista, cuja atividade se organiza em função daquilo a que poderíamos chamar dever referencial” (MESQUITA, 2001:138).

Esse ‘dever referencial’ é próprio das personagens a que Hamon (1977:122) chama *referenciais* e é, sem dúvidas, o que confere, ao jornalismo, o seu tão reivindicado estatuto de legitimidade. No entanto, este estatuto é, por vezes, levado ao extremo e colocado ao serviço de interesses pessoais e ideológicos de alguns meios de comunicação social. Quando as produções jornalísticas recorrem a traços específicos

---

<sup>1</sup>Para um aprofundamento das questões que envolvem a construção da imagem dos imigrantes na imprensa portuguesa, cf. Silverinha, M.J., Peixinho, A.T. (2004). “A construção discursiva dos imigrantes na imprensa” in *Revista de Ciências Sociais*, nº. 69.

e demasiado limitados para caracterizar os atores sociais, podem estar a contribuir para a criação de universos de percepção estanques, dos quais, o grande público se torna refém.

Nesse sentido, a análise que completa este trabalho fará uma avaliação da forma como foi construída a imagem dos estudantes da Universidade de São Paulo, nas páginas das revistas *Veja* e *IstoÉ*, durante a manifestação, que levou à ocupação da sede da reitoria desta universidade, em outubro de 2011. Além disso, deter-nos-emos na demarcação de traços que, através da construção narrativa, evidenciem fatores ideológicos, tanto do produtor (encarado aqui como narrador-jornalista) como do meio de comunicação, para o qual, trabalha.

#### **4 A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA**

Ao longo desta produção, tem-se dado ênfase aos contributos dos estudos narrativos para a análise de produções jornalísticas, vistas, pelas teorias construtivistas, como inequívocas construções (textuais) da realidade. Nesse sentido, o discurso jornalístico (e o mediático, em geral) assume um poder, dito hegemónico, privilegiado e legitimado pelos valores morais da cultura profissional, bem como, pela intensa força com que as suas mensagens invadem o nosso dia-a-dia.

Dito isso, tentaremos comprovar, empiricamente, boa parte das questões, anteriormente trabalhadas, no sentido de demonstrar a enorme influência da *práxis* jornalística sobre o modo como o público percebe o mundo. Para tal, selecionamos 02 (duas) reportagens (em anexo): uma da revista *Veja* – “A rebelião dos mimados” (edição de 9 de novembro de 2011) e uma da revista *IstoÉ* – “Quem são os radicais da USP” (edição de 11 de novembro de 2011), periódicos que figuram entre os títulos de maior circulação no mercado editorial brasileiro de revistas semanais. Ambos os trabalhos têm, como objetivo, retratar a manifestação de estudantes da Universidade de São Paulo. A nossa escolha não foi completamente aleatória, dado que as publicações datam da mesma semana.

Sendo o jornalismo uma profissão que lida, diretamente, com factos da realidade, reconstruindo-os, através de narrativas, e adotando discurs-

sos, muito particulares, recorreremos a técnicas da Análise Crítica do Discurso, como forma de demarcar estratégias textuais e escolhas lexicais, que apontem para a criação de universos semânticos específicos, em torno da manifestação dos estudantes. Tais escolhas, “feitas pelo produtor textual, são simultaneamente escolhas ideacionais e interpessoais, que expressam opções ideológicas particulares” (PEDRO: 1997: 306).

Do mesmo modo, procuraremos perceber, por meio da construção narrativa (isto é, da forma como o narrador-jornalista, em cada um dos textos, estrutura o seu discurso) como as reportagens construíram a identidade dos estudantes e que efeitos as estruturas semânticas, de que fala van Dijk (2005: 84), poderão ter contribuído para a compreensão da natureza do próprio movimento estudantil, enquanto movimento político, por parte do público. Por fim, convém lembrar que, em se tratando de uma análise crítica do discurso, tudo o que for observado, embora esteja fundamentado em leituras diversas, resultam sempre de uma visão crítica do investigador, fato que pressupõe uma inelutável tomada de posição.

## **5 A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA MANIFESTAÇÃO DOS ESTUDANTES DA USP NAS PÁGINAS DE *Veja E IstoÉ*<sup>2</sup>**

### **5.1 Reportagem 1: “A rebelião dos mimados” (em anexo)**

A reportagem em análise, publicada a 9 de novembro de 2011, assinada por Marcelo Sperandio, assume um claro sentido ideológico. Tal fenómeno é facilmente observável, tanto pelas escolhas lexicais e linguísticas do narrador-jornalista, quanto pela forma como a narrativa é construída. Também as fotografias aparecem aqui como elementos semiológicos cruciais, que auxiliam na formação de uma unidade semântica, globalmente coerente, com os objetivos do produtor textual.

---

<sup>2</sup>A presente análise irá referir apenas os pontos mais importantes de um processo analítico que se revelou muito mais amplo e que, por falta de espaço, não será, integralmente, incluído no corpo do artigo.

Inicialmente, o título, o subtítulo e o *lead*, cumprem o modelo de superestrutura, aplicado por Teun van Dijk (2005:67), às notícias. Embora a técnica jornalística do *lead* não seja comumente utilizada em reportagens – produções que primam por uma maior liberdade criativa – o primeiro parágrafo responde às cinco perguntas (o quê, quem, quando, onde e porque), organizadas numa relação de causalidade, que confere à produção um certo hibridismo classificatório.

A utilização da palavra [rebelião], em posição topicalizada – no título – remete-nos para a ideia de que houve uma resistência violenta, protagonizada por indivíduos de atos excessivos [mimados]. O subtítulo possui um sentido global, que poderá ser dividido em três proposições menores, com significados próprios, mas, interdependentes: [Com roupas de grife e donos de carros caros] remete-nos para o estatuto socioeconómico dos estudantes envolvidos; [estudantes depredam a USP] indica um ato de extrema violência, confirmado pelo verbo, na terceira pessoa do plural, do presente do indicativo – “depredam” – de estudantes contra a instituição universitária inteira – “USP”, que aparece em posição passiva; finalmente, em [porque querem fumar maconha sem ser incomodados], a conjunção de causalidade – “porque” – indica o motivo, pelo qual, os estudantes “depredaram” a instituição.

Todas essas significações limitam horizontes de expectativas e indicam protocolos de leitura, através dos quais, o público poderá fazer a sua interpretação. Logo no primeiro parágrafo, o narrador-jornalista remete o leitor para uma das imagens, que mostra um estudante sorridente (facto que contrasta, desde já, com a situação enunciada), e especifica determinados atributos dos envolvidos [moletom da grife americana GAP; óculos de 500 reais da italiana Ray Ban], que, vale dizer, são representados pela figura individual do estudante [o rebelde de GAP], apresentado, genericamente, como o [retrato fiel] do grupo de estudantes.

Sem nenhuma dúvida, a estratégia de generalização, supramencionada, contribui para a formatação de um perfil específico dos manifestantes, junto do público: indivíduos irresponsáveis, de classe média/alta que querem, impunemente, fazer uso de drogas, no *campus* universitário. A criação dessa imagem dos estudantes, – ou, segundo van Leeuwen (1997), desses atores sociais – é feita, paulatinamente, ao longo de toda a narrativa, sempre com recurso a estruturas proposi-

cionais assertivas, que revelam a posição socioeconómica dos estudantes, como: [circulam em carros cujo preço supera 50.000 reais]; [assumiu a direção de um Polo Sedan e outro embarcou em seu Kia Soul].

Além disso, o narrador-jornalista seleciona um conjunto de sinónimos para o termo “estudantes”, através de um processo de categorização, que possui uma carga semântica altamente disfórica. Os manifestantes são tratados, várias vezes, como: “maconheiros”; “mimados”; “rebeldes”; “crianças”; “garoto mimado”; “birrentos”; “vândalos”; “filhinhos de papai”; “invasores”; “rebeldes mimados”; “mauricinhos”. Por outro lado, a manifestação, propriamente dita, é referida como: “bagunça”; “pirraça”; “rastro de destruição”; “baderna”; “arruaça”; “turba”. Ora, a utilização desse vocabulário é resultado, não apenas de escolhas lexicais determinadas, mas, como lembra van Dijk (2005), são, claramente, decisões ideológicas, que revelam o posicionamento do enunciador e, conseqüentemente, constroem mapas mentais de percepção, importantes para que também o público se posicione.

Mesmo assim, o narrador-jornalista encontra outras formas, – muito mais visíveis – de se posicionar. Ao longo da narrativa, as proposições, em posição subordinada: [mas, coitadinhos, a lei não deixa] e [revolução tem limite], bem como, a proposição que finaliza o texto, após uma citação em discurso direto, [Esse menino precisa de castigo, papai], representam, visivelmente, a voz do narrador, que não se exime de assumir um discurso avaliativo em relação à situação narrada.

Por fim, é importante salientar a citação mimética, em discurso direto, da mãe de um estudante da USP, – assassinado, há meses, após uma tentativa de assalto –, que vê a manifestação como um [capricho de uma minoria]. O pensamento da mãe, emocionalmente fragilizada, é outra estratégia discursiva fundamental para a confirmação de todo o processo de significação, gradativamente, criado.

## **5.2 Reportagem 2: “Quem são os radicais da USP” (em anexo)**

A reportagem da revista *IstoÉ*, publicada a 11 de novembro de 2011 e assinada por Alan Rodrigues, apresenta diversos pontos de contraste, com relação à postura de *Veja*, analisada anteriormente. Ao longo da nossa análise, comprovamos um tom bem mais sóbrio na abordagem



das questões e uma tendência para dar voz aos estudantes, enquanto atores sociais, diretamente envolvidos na situação.

Primeiramente, o título, o subtítulo e o primeiro parágrafo (que, neste caso, por tratar-se de uma reportagem, não se assume como um *lead* convencional) cumprem o esquema superestrutural, defendido por van Dijk (2005:67), na medida em que funcionam como elementos de fundamental importância para a definição da macroestrutura semântica do texto. Todavia, o fato de não ser feita nenhuma referência direta à manifestação, propriamente dita, no título, revela que o narrador-jornalista partiu do pressuposto de que o público estaria já, suficientemente familiarizado com os acontecimentos.

Nesse sentido, o objetivo maior do produtor textual é a definição de um perfil dos manifestantes, que começa a ser feito logo no título, através do recurso ao pronome de interrogação [quem], ligado pelo verbo ser, na terceira pessoa, do presente do indicativo [são] ao nome [radicais], que, por sua vez, caracteriza indivíduos insatisfeitos com determinadas normas ou padrões estabelecidos.

No subtítulo, encontramos uma nítida diferença em relação à produção anterior: a construção proposicional [Eles têm pouco em comum] indica a existência de diferenças entre os manifestantes, sobretudo ao nível socioeconómico, confirmadas pela proposição subsequente [Alguns vieram da escola pública e outros estudaram no Exterior]. Obviamente, por meio de um processo de pressuposição, os termos [escola pública] e [Exterior] são utilizados, como elementos indicadores de patamares sociais diferenciados. Mesmo sem dizê-lo, o narrador sabe que a sua mensagem chegará ao leitor, porque entende que estes termos fazem parte “de um conjunto de conhecimentos culturais tácitos que dão significado ao discurso”. (VAN DIJK, 2005:171).

O primeiro parágrafo é também bastante esclarecedor. Assim como na reportagem anterior, o narrador-jornalista inicia o texto, centrado na figura de um estudante, – que, neste caso, tem nome e idade: [João Machado, 20 anos]. As citações miméticas, em discurso direto [Minha mãe quer me matar] e [Ela só sabe xingar] revelam que há uma discordância, dos pais, relativamente à atitude dos filhos. No entanto, a postura dos estudantes é inserida no universo do movimento estudantil, enquanto fenómeno político, cujo objetivo é a reivindicação de um conjunto de questões e a luta contra o poder repressor. Tal ideia é confir-

mada pela utilização de termos como: [momento histórico], em discurso direto, ou [tomada do poder].

Um fator interessante a destacar é a referência ao ato dos estudantes como [ocupação] da reitoria, diferentemente de [invasão], utilizada uma única vez, no segundo parágrafo [invadiram]. Por sua vez, os agentes sociais são categorizados como: “estudantes”; “adolescentes”; “radicais sem rosto”; “jovens”. Sem dúvidas, os sentidos, em torno destas opções lexicais, contribuem para a criação de uma identidade social dos estudantes, completamente distinta da que vimos no texto anterior.

Mais uma vez, as diferenças socioeconômicas entre os manifestantes são, continuamente, elucidadas ao longo da narrativa. Elenca-mos, ao menos, três exemplos: no terceiro parágrafo, a enumeração de profissões [auxiliar de escritório, artesão, analista de laboratório, professores, iluminador e até barman] comprova isso. Posteriormente, o fato de os estudantes não terem dinheiro para pagar a fiança à polícia [Boa parte deles não tinha os R\$ 545 da fiança]. E, ainda, no quinto parágrafo, a condição humilde de Rafael Alves, apresentado como [um dos principais líderes dos radicais], confirmada pela estrutura proposicional [De origem humilde, egresso da escola pública, foi o único dos 20 integrantes da sua família que conseguiu entrar na universidade].

Evidentemente, são feitas referências a estudantes de classe média – como, no caso do primeiro estudante, apresentado como sendo [de classe média paulista]. No entanto, estas diferenças não existem no trabalho de *Veja*, dado que os estudantes envolvidos são todos apresentados como provenientes de classes sociais, economicamente, superiores.

É importante chamar a atenção para as fotografias do texto, que fazem parte, também, da construção narrativa. Enquanto as duas primeiras retratam o confronto entre estudantes e polícias, a terceira tem uma ligação, ainda mais forte, com a ideia de movimento estudantil, visto como confronto intelectual de ideias e, simbolicamente representado, pela elevação da obra do filósofo Michel Foucault. Se tivermos em conta o universo de significados, em torno da narrativa verbal escrita, é certo afirmar que tais imagens têm uma dimensão funcional específica, na medida em que, completam a estrutura semântica global da reportagem.

Por fim, é forçoso referir um outro ponto, que mostra bem as diferenças semânticas e ideológicas de ambas as narrativas. *IstoÉ* não faz

alusão aos estudantes como consumidores de drogas, questão, sobejamente abordada, por *Veja*. Pelo contrário, dá-se ênfase à manifestação, como parte integrante do movimento estudantil, que tem reivindicações variadas, em detrimento do fato pontual de os estudantes quererem “fumar maconha sem ser incomodados”, como vimos no texto anterior.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo procurou aliar alguns dos pressupostos conceptuais mais importantes dos estudos narrativos e da investigação em jornalismo, no sentido de contribuir para a amplificação do debate, já existente, em torno da *práxis* jornalística. Num primeiro momento, buscamos problematizar o conceito de narrativa para falar da existência de narrativas jornalísticas, enquanto produções especiais, com uma ligação moral à realidade.

A partir disso, desmitificamos – com o recurso a autores, como Gaye Tuchman (2002) e Nelson Traquina (2007) –, a ideia, em torno da qual, o jornalismo espelha ou representa a realidade. Através das teorias do *newsmaking*, vimos que os jornalistas, enquanto intérpretes dos acontecimentos, ao estruturarem as suas narrativas (ou estórias), ajudam a construir a própria realidade que reportam. Posteriormente, abordamos as questões relacionadas com a concepção de um narrador-jornalista (sujeito do enunciado e, por isso, gerente da organização discursiva da realidade) e de personagens jornalísticas (que resultam da forma como os agentes sociais são, textualmente, construídos).

Numa segunda parte, todo esse enquadramento teórico foi aplicado a uma realidade concreta. Diante da repercussão mediática da manifestação de estudantes da Universidade de São Paulo, em outubro de 2011, recorremos a duas reportagens, das revistas *Veja* e *IstoÉ*, para analisar como ambos os veículos construíram, discursivamente, esta realidade, dando particular atenção à forma de construção identitária dos estudantes. Para tal, convocamos técnicas da Análise Crítica do Discurso, metodologia particularmente benéfica para o nosso exercício, pois permitiu-nos desconstruir o discurso em estruturas proposicionais menores, semanticamente pontuadas, a partir das quais, encontramos evidentes marcas ideológicas.

Segundo a nossa análise, a revista *Veja* preza por uma abordagem

extremamente acesa e partidária do acontecimento, assumindo uma posição inequivocamente contra à manifestação dos estudantes, que, por sua vez, são vistos como adolescentes mimados, consumidores de drogas e provenientes de classes sociais, economicamente, abastardas. Contrariamente, a revista *IstoÉ* apresenta uma narrativa de tom muito mais sóbrio, na qual, não é feita nenhuma referência ao consumo de drogas pelos estudantes. Além disso, evidencia diferenças ao nível socioeconómico dos atores sociais que, juntos, integram o movimento estudantil.

Em suma, não obstante termos um posicionamento crítico em relação às produções em causa, o nosso objetivo não foi apontar erros ou acertos. Quisemos, porém, destacar a existência de construções textuais – e, conseqüentemente, semânticas –, distintas, de uma mesma realidade, no interior de narrativas jornalísticas concorrentes, que pairam sobre o mesmo espaço público, assentes em indiscutíveis fins ideológicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTES, ROLAND (1977). « Analyse Structurale du récit » in *Poétique du récit*, Paris : Seuil (Points).
- BIRD, ELIZABETH S.; DARDENNE, ROBERT W. (1993), “Mito, registo e ‘estórias’: explorando as qualidades narrativas das notícias”, in Nelson Traquina (org.), *Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 263-277.
- CHATMAN, SEYMOUR (1990). *Historia y discurso: la estructura narrativa en la novela e en el cine*, Madri: Taurus Humanidades.
- DIJK, TEUN VAN (2005). *Discurso, notícia e ideologia. Estudos da Análise Crítica do Discurso*, Porto: Campo das Letras.
- HAMON, PHILIPPE (1977). “Pour un statut sémiologique du personnage” in Roland Barthes *et aliii*, *Poétique du récit*, Paris : Seuil (Points), pp. 115-167.

- MESQUITA, MÁRIO (2003). “A personagem jornalística – da Narratologia à Deontologia” in *O Quarto Equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*, Coimbra: Minerva.
- PEDRO, EMÍLIA RIBEIRO (1997). *Análise Crítica do Discurso*, Lisboa: Caminho.
- PENA, FILIPE (2005). *Teorias do Jornalismo*, São Paulo: Contexto.
- REIS, CARLOS; LOPES, ANA CRISTINA M. (2007). *Dicionário de Narratologia*, 7ª ed., Coimbra: Almedina.
- RESENDE, FERNANDO (2006). “Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador jornalista” in LEMOS, ANDRÉ; BERGER, CHRISTA; BARBOSA, MARIALVA (org.) *Narrativas midiáticas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina.
- SILVA, MARCONI (2007). “A notícia como narrativa e discurso” in *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v.4, nº. 1. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. (disponível online em: <http://journal.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/335/showToc> – consultado em: 20/12/2011).
- TRAQUINA, NELSON (2007). *Jornalismo*, 2ª ed., Lisboa: Quimera.
- TRAQUINA, NELSON (2004). *Teorias do jornalismo*, Florianópolis: Editora Insular.
- TRAQUINA, NELSON (2001). *O estudo do jornalismo no século XX*, São Leopoldo: Unisinos.
- TRAQUINA, NELSON (1999). *Jornalismo: Questões, Teorias e “estórias”*, 2ª ed, Lisboa: Vega.
- TUCHMAN, GAYE (2002). “As notícias como uma realidade construída” in J. P. Esteves (ed.) *Comunicação e Sociedade*, Lisboa: Horizonte, pp. 91-104.
- TUCHMAN, GAYE (1993). “Contando estórias” in Nelson Traquina (org.) *Jornalismo: Questões, Teorias e “estórias”*, Lisboa: Vega, pp. 258-262.

VAN LEEUWEN, TEUN A. (1997), “A representação dos actores sociais”, in Emília Ribeiro Pedro (org.), *Análise crítica do discurso*. Lisboa: Caminho, 169-222.

ANEXOS

Anexo 1 – Reportagem Revista Veja – “A revolta dos mimados”

**Brasil**



**ESCARNIO E "MARESIÁ"**  
 O rapaz ao lado fit em frente à reitoria da USP, que ele invadiu e destruiu. Os maconeiros gastam com marcas americanas e italianas, mas é o contribuinte que pagará a conta do vandalismo deles. Abaixo, a razão da pirraça: quem a PM fora do câmpus, para consumir baseados

**A REBELIÃO DOS MIMADOS**

Com roupas de grife e donos de carros caros, estudantes depredam a USP porque querem fumar maconha sem ser incomodados



**E**le usa um moletom da grife americana GAP, óculos de 500 reais da italiana Ray Ban e exibe um sorriso de quem está com a vida ganha. Na imagem acima, o “rebelde” espurrado na cadeira é o retrato fiel do grupo de estudantes que, às 23h55 da última terça-feira, invadiu a reitoria da Universidade de São Paulo (USP). Como crianças que não aceitam ser contrariadas, eles resolveram partir para a bagunça e a pirraça. O estilo garoto mimado da USP juntou-se a outros cinquenta birrentos que arrombaram a porta da garagem da administração central da universidade e, com pedaços de destruição por onde passaram. Tudo porque eles querem — mas, coitados, a lei não deixa — que o câmpus da Universidade de São Paulo não seja mais policiado pela PM e se torne um território livre para fumar maconha. A maioria dos vândalos escondeu o rosto atrás de um capuz, mas o rebelde de GAP preferiu não contaminar o visual.

Em apenas um dia entre os manifestantes, VEJA constatou que vários deles são filhinhos de papai que circulam em carros cujo preço supera 50.000 reais. Entre os “rebelde” que saíram da reitoria ocupada para tomar banho, trocar de roupa e comer um prato quentinho em casa (revolução tem limite), um assumiu a direção de um Polo Sedan e outro embarcou em seu Kia Soul. Os invasores representam só 0,06% dos 80.000 estudantes da USP. A maioria dos alunos é a favor da presença da PM no câmpus. Em maio, antes de a polícia patrulhar intensivamente a USP, o estudante Felipe de Paiva foi assassinado em uma tentativa de assalto na universidade. Zélia de Paiva, mãe de Felipe, vê os protestos como capricho de uma minoria que quer usar drogas impunemente, pondo em risco toda a comunidade universitária. “Se a polícia já estivesse na USP no dia em que meu filho foi morto, talvez ele estivesse vivo”, diz Zélia.

A baderna teve início na quinta-feira, 27, quando policiais flagraram três alunos consumindo maconha. Para evitar que o trio fosse levado a uma delegacia, um grupo tentou intimidar os policiais, cercando a viatura e começando a arruaça. Em poucos minutos, um carro de som do Partido da Causa Operária (PCO) apareceu e pôs-se a incitar a violência. A turba apedrejou a viatura. A PM reagiu. O prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas foi invadido. Depois de uma assembleia em que se decidiu pela desocupação, os “rebelde” mimados invadiram a reitoria. A Justiça determinou a reintegração de posse do prédio. VEJA gravou um desses mauricinhos falando o seguinte: “A PM não vê quem fuma, ela procura. Se a questão é segurança, por que procurar maconeiro, gente?”. Esse menino precisa de castigo, papai.

MARCELO SPERANDIO

veja | 9 DE NOVEMBRO, 2011 | 103

## **Anexo 2 – Reportagem Revista *IstoÉ* – “Quem são os radicais da USP”**

### CAPA

#### COMPORTAMENTO

| Nº Edição: 2192 | 11.Nov.11 – 21:00 | Atualizado em 11.Nov.11 - 23:51

#### Quem são os radicais da USP

Eles têm pouco em comum. Alguns vieram da escola pública e outros estudaram no Exterior. Presos, se revelaram adolescentes tomando bronca dos pais

Alan Rodrigues





## NA POLÍCIA

Os estudantes passaram o dia na delegacia até a fiança ser paga. No topo, João Machado, que entrou no movimento estudantil na escola. Acima, Rafael Alves, um dos líderes dos radicais. Abaixo, Paulinho In Fluxus levanta o livro do filósofo Foucault



Passava das 20h da terça-feira 8 quando João Machado, 20 anos, estudante de ciências sociais, dava seu primeiro sorriso do dia. Os momentos de descontração contrastavam com os de tensão. “Minha mãe quer me matar”, disse ele, ao desligar o celular. O desabafo, feito a um companheiro de ocupação do prédio da reitoria da Universidade de São Paulo, soava mais como uma confissão de adolescente do que como discurso de quem pensa em construir a tomada de poder. “Ela só sabe xingar, nem consegue ver o momento histórico”, lamentava. De classe média paulista, ele estreou no movimento estudantil há cinco anos no grêmio da Escola Comunitária de Campinas, uma instituição privada que, nas suas palavras, o “ensinou a questionar o sistema”.

Assim como Machado, ao deixarem à força a reitoria, os radicais sem rosto da semana anterior, que invadiram o prédio encapuzados, ganharam feições, nomes e história. Um raio X do Termo Circunstanciado – espécie de Boletim de Ocorrência mais leve – lavrado durante o dia todo na delegacia revela quem eram os manifestantes da USP. Segundo os policiais, entre os 72 detidos, 18 não tinham qualquer vínculo com a universidade. Um deles era da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, outro da Universidade Federal da Paraíba, e havia até um estudante vindo do Chile, país onde ocorrem manifestações estudantis

há meses. Os dados colhidos nos depoimentos ajudam a traduzir também o perfil dos jovens. Havia auxiliar de escritório, artesão, analista de laboratório, professores, iluminador e até barman. Boa parte deles não tinha os R\$ 545 da fiança. Foi preciso que o Sindicato dos Servidores da USP passasse o chapéu entre os apoiadores do movimento para juntar os R\$ 39 mil. “Esse dinheiro foi arrecadado por mais de 500 entidades que apoiam o movimento estudantil”, disse a advogada Eliana Lucia Ferreira, que entregou a soma na delegacia.

Nas quase 24 horas em que permaneceram no ônibus diante da DP, vários estudantes foram visitados pelos pais, alguns dos quais ex-militantes que lutaram pela democracia quando o Brasil ainda era uma ditadura. “Vacilona, em 15 anos de militância nunca fui preso, em quatro meses de movimento estudantil você já caiu em cana”, dizia o pai a uma das alunas detidas. Apesar do clima de exaustão, ainda havia espaço para palavras de ordem. “Essa é uma luta de armas contra livros. Querem impedir ideias com opressão”, gritava o estudante de artes plásticas que se apresenta como Paulinho In Fluxus, 26 anos. Vestido com uma roupa rosa, ao estilo super-herói, ele levantava o livro: “As Palavras e as Coisas”, do filósofo francês Michel Foucault.

Filho de um jornalista, Paulinho cursou o ensino médio na Europa, beneficiado por uma bolsa de estudos de uma escola criada por Nelson Mandela, patrocinada pela Cruz Vermelha. “Nosso erro foi não ter conseguido mostrar para a sociedade que ali não estava um bando de maconheiros lutando por uma causa pessoal”, avalia. O pai, antigo comunista que foi preso no regime militar, foi ver o filho na 91a DP. Lá, não escondia a irritação com a forma pela qual o jovem escolheu fazer política e dizia que, passado este momento difícil, iria deixar de sustentá-lo. Um dos principais líderes dos radicais, o artesão Rafael Alves, 29 anos, matriculado no curso de letras, não recebeu a visita de ninguém. De origem humilde, egresso da escola pública, foi o único dos 20 integrantes da sua família que conseguiu entrar na universidade. Àquela altura da noite, em nada lembrava o homem que resistira à prisão gritando frases como “Abaixo a ditadura” durante a ação da polícia. Parecia vencido pelo cansaço.

A novela, porém, está longe de acabar, pois alguns alunos da USP tentam decretar greve geral. Como pano de fundo de toda a movimentação, está a eleição para o Diretório Central dos Estudantes (DCE),

marcada para a próxima semana. Vários grupos de esquerda disputarão o poder. “A ação truculenta da PM acabou reunindo as diversas correntes do movimento estudantil”, diz o diretor do DCE, João Victor Pavesi, que cursa geografia. Os alunos favoráveis à presença da PM se organizam em torno da chapa batizada de Reação, composta, em sua maioria, por alunos das áreas de administração, economia e contabilidade e cursos da engenharia. A luta – pelo poder – continua. **Colaborou Flávio Costa.**